

CB
21/4/98
45 16

Pajés se unem contra biopirataria

Nas páginas da Internet, uma empresa dos Estados Unidos vende a decodificação do DNA e amostras de sangue de índios de Rondônia

Beth Veloso
Da equipe do Correio

Próximo a Porto Velho, capital de Rondônia, cerca de 220 índios Karitiana, de origem tupi, levam uma vida pobre e pacata, numa economia de subsistência. Tiram da terra o alimento — arroz, feijão, milho. Apesar disso, a pequena reserva de 800 hectares se internacionalizou.

Nas páginas da Internet, a empresa americana Coriell Cell Repositories vende a decodificação do DNA e amostras de sangue dos Karitiana.

A identidade genética dessa etnia da Amazônia virou mercadoria de alto valor comercial numa operação clandestina. Pesquisadores americanos e um médico brasileiro estiveram na aldeia com autorização da Fundação Nacional do Índio (Funai) a pretexto de investigar o Matinguari, ser mítico da Região Amazônica que se assemelha a um bicho-preguiça gigante, e colheram as amostras de sangue, à custa da ingenuidade dos índios.

A história aconteceu há dois anos, foi denunciada por uma comissão especial da Câmara dos Deputados, mas até hoje não se tomou nenhuma providência. O primeiro passo será dado esta semana, quando a Coordenação Geral de Defesa dos Direitos dos Índios da Funai começa a divulgar no mundo todo uma Carta de Princípios da Sabedoria Indígena, exigindo o fim da biopirataria — a apropriação ou roubo de conhe-

cimentos tradicionais e das características genéticas dos índios.

Assinado por Terenas, Jawaés, Xerentes, Pataxós, Xavantes e os karitianas, entre outros pajés, o documento é o resultado palpável de quatro dias de discussões durante o I Encontro de Pajés, encerrado no último final de semana em Brasília.

Nele, os índios cobram do governo brasileiro que exija a devolução do material genético — sangue, pele, cabelo, unha — dos Karitiana e dos Suruí, de Rondônia, também roubados em condições semelhantes.

Segundo o pajé e cacique Cizino Karitiana, o mais grave é que os pesquisadores estavam acompanhados por um representante da Funai, que nada fez para impedir o abuso. No dia, o cacique foi convidado a servir de guia a uma caverna para oito pesquisadores, enquanto os outros dois ficaram tirando sangue de toda a tribo, inclusive dos bebês e velhos. Dis-

seram que os índios estavam doentes e precisavam de um exame no exterior para serem curados. Na volta, Cizino também foi constrangido a doar o sangue, caso contrário, contaminaria os parentes.

A Carta de Princípios é um dos primeiros documentos feitos por índios brasileiros cobrando ações efetivas contra a biopirataria. Eles pedem ao governo proteção ao patrimônio natural, com melhor fiscalização das saídas do Brasil; maior assistência à saúde; incentivo às pesquisas pelos povos indígenas; uma lei de patentes que também os pro-

Carlos Vieira 18.4.98



A identidade genética dos índios Karitiana virou mercadoria de alto valor numa operação comercial clandestina promovida por médicos americanos na Amazônia

teja; demarcação das terras para preservar a fauna e a flora; maior controle pela Funai do ingresso de pessoas em suas reservas.

“Chega de roubo, chega de sermos tratados como objetivos de pesquisa, chega de tanta destruição das matas, dos rios, dos animais”, consta do texto que será enviado à Presidência da República, Congresso Nacional, Ministério da Justiça, Procuradoria Geral da República, parlamentares de vários países europeus, além da Organização das Nações Unidas e para as embaixadas com representação no Brasil.

O encontro não foi apenas uma ode contra o governo, mas também

um alerta para os próprios pajés guardarem melhor os seus segredos. “Não basta ter uma legislação rigorosa. O compromisso maior é nosso mesmo em não passar as nossas receitas”, Zilene Kaingangue, funcionária da Funai há 10 anos.

Ela fala por experiência própria. Há três anos, sua tribo, distante 400 quilômetros de Curitiba, recebeu a visita de um pessoal do Paraná. Seu pai, o pajé Domingos, de 63 anos, ensinou aos visitantes receitas naturais para tratar de uma gripe a um câncer. Tempos depois, elas foram publicadas num livro, sem o conhecimento da aldeia nem qualquer retorno financeiro.

Os casos de biopirataria envolvem principalmente as mais ricas e poderosas indústrias do mundo: a bélica e a químico-farmacêutica. Pesquisadores de todo o mundo usam os genes de tribos da Amazônia — principalmente as isoladas — para descobrir como elas são imunes a doenças tropicais e perigosas, ao calor e ao frio e, a partir daí, manipular fórmulas que possam aumentar a resistência de soldados numa guerra, por exemplo.

Já a indústria da biotecnologia está de olho na riquíssima fauna e flora da Amazônia, a mais diversificada do mundo. “Os laboratórios ganham milhões de dólares às custas

do nosso conhecimento e nós estamos cada vez mais miseráveis”, protesta Zilene Kaingangue.

Os índios também resolveram reagir a todo tipo de preconceito. Entregaram ao sub-procurador geral da República, Haroldo Ferraz da Nóbrega, uma representação contra o deputado Jair Bolsonaro, denunciando discriminação racial.

Em matéria publicada no Correio no último dia 12, Bolsonaro lamentou que “a cavalaria brasileira não tenha sido tão eficiente quanto a americana, que exterminou os índios”. Mas o deputado só será processado se houver autorização da Câmara Federal.